

## A LINGUAGEM E A EDUCAÇÃO INCLUSIVA NA ESCOLA PÚBLICA NA PERSPECTIVA SOCIOCULTURAL

Sofia Barbara Domingues S. Nunes<sup>1</sup>  
Msc. Fernanda Franco Tiraboschi<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo teve como objetivo investigar dois contextos de educação inclusiva para observar como se dão as interações entre os aprendizes com necessidades especiais e seus professores de apoio. Discutimos ainda sobre a importância da linguagem e a educação inclusiva no processo de ensino e aprendizagem da criança portadora de necessidades especiais. Utilizamos como referencial teórico os estudos baseados na teoria sociocultural de Vygotsky (1993). Dialogamos também com autores que se apoiam nos estudos vygotskiano (CAVALCANTE, 2015; FIGUEIREDO, 2019; SANTOS, 2010; SOUSA, 2017). Esta investigação se caracteriza como um estudo de caso com observação participante. Investigamos dois contextos de pesquisa, uma sala de aula do ensino médio e uma do fundamental, em duas escolas públicas do entorno da capital goiana. Participaram dessa investigação, quatro alunos portadores de necessidades especiais e dois professores de apoio. Os dados apresentados possuem como base entrevistas os professores de apoio direto e observações de aulas.

**PALAVRAS CHAVE:** Educação inclusiva. Aprendizagem de língua. Teoria sociocultural.

### INTRODUÇÃO

Trabalhar a linguagem e a educação inclusiva tem se mostrado fundamental no processo de ensino e aprendizagem no desenvolvimento da criança portadora de necessidades especiais. Esse trabalho proporciona uma interação entre os envolvidos e promove a socialização com outras crianças ditas normais (CAVALCANTE, 2015).

É necessário compreender como a escola recebe a criança incluída, a lei que a ampara, os desafios encontrados pelos profissionais e como a família se posiciona neste caminho para a inserção social, para buscarmos práticas pedagógicas que possam melhor atender as necessidades das crianças que necessitam de uma educação inclusiva (BEZERRA, 2012; CAVALCANTE; 2015).

A educação inclusiva é uma realidade que está presente no âmbito nacional, e por isso, precisamos compreender como trabalhar com a inclusão, de maneira a proporcionar ao aprendiz o seu desenvolvimento cognitivo e o socioemocional.

---

<sup>1</sup> Acadêmica do 6º período de Letras- Português/Inglês da Unifan – União das Faculdades Alfredo Nasser, sob a orientação da Profª. Ma. Fernanda Franco Tiraboschi.

<sup>2</sup> Professora de Língua Inglesa na Faculdade Alfredo Nasser.

Com base nessas discussões, este estudo teve como objetivo investigar dois contextos de educação inclusiva para observar como se dão as interações entre os aprendizes com necessidades especiais e seus professores de apoio. Para fundamentar as análises, procuramos compreender aspectos relacionados à importância da linguagem e das interações sociais no desenvolvimento cognitivo e social de aprendizes com necessidades especiais, tomando como base autores como Cavalcante (2015), Figueiredo, (2019), Sousa (2016), Vygotsky (1993), entre outros. Esta pesquisa consiste em um estudo de caso em que acompanhamos quatro alunos em duas escolas públicas diferentes, sendo uma da rede estadual e uma da rede municipal. Foram feitas entrevistas com os professores de apoio, observação de aulas e das atividades realizadas no decorrer de trinta dias.

Este artigo se divide em três seções, além das considerações iniciais e finais. Na primeira seção, apresentamos a fundamentação teórica, dialogando com autores que tratam da relação entre linguagem e desenvolvimento na perspectiva da teoria sociocultural, bem como sobre a Lei Diretrizes e Bases da Educação 9394, na Lei 12.796 que estabelece as diretrizes da educação inclusiva. Em seguida, abordamos aspectos do estudo de caso realizado, nesta pesquisa, apresentando os participantes, as escolas e a metodologia trabalhada. Por fim, tecemos as análises dos dados, expondo os resultados obtidos no decorrer de trinta dias com observações, entrevistas, resolução de atividades realizadas em sala de aula.

## **A LINGUAGEM E A EDUCAÇÃO INCLUSIVA NUMA PERSPECTIVA SOCIOCULTURAL**

A linguagem faz parte humanidade desde a pré-história, seja em forma não verbal ou verbalmente, podemos ver isso claramente com as pinturas deixadas pelo homem pré-histórico. Somos seres que precisam comunicar e tal necessidade também está presente em pessoas que são portadores de necessidades especiais.

Por um longo tempo, as políticas educacionais brasileiras não abarcaram as pessoas com necessidades especiais de um modo geral, mas a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) 9394 de 1996, passou-se a ter uma visão relacionada a tais pessoas. A escola regular passou a ter que aceitar crianças portadoras de necessidades especiais. Foi um avanço grandioso para a educação

inclusiva, e com o decorrer dos anos foram inseridas novas leis, como a de nº 12.796 do ano de 2013, possibilitando assim uma maior clareza no atendimento a mesma, conforme podemos observar no trecho seguinte:

Art. 58. Entende-se por Educação Especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtorno globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. § 1º Haverá quando necessário, serviços de apoio especializados, na escola regular, para atender as peculiaridades da clientela da educação especial. § 2º O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular. (BRASIL, Lei 12.796, 2013).

Vygostky (1993) fala que a interação possui uma grande influencia para o desenvolvimento do indivíduo, isto é, a criança necessita interagir com outras crianças ou adultos durante toda a sua vida. Além disso, o referido autor considera que o valor da socialização da criança inclusa com outras crianças teria um grande impacto na vida da mesma.

Com a implementação das ações de inclusão instituída pela Lei 9394, surgiram algumas dificuldades de adaptação da família e da escola. A Lei fala que a escola deve oferecer o acesso às crianças portadores de necessidades especiais e fornecer um ensino de qualidade. No entanto, havia a necessidade de adaptações por parte do profissional da educação, já que a grande maioria não possuía conhecimento em relação à área da inclusão. Houve grande resistência, pois toda mudança cria medo, era necessário que o prédio escolar fizesse mudança na estrutura para receber tais crianças, mas isso não aconteceu de imediato, pois precisava de investimentos por parte do governo federal.

Com relação ao profissional da educação foi necessário que os cursos de graduações fizessem alterações em sua grade curricular, criando disciplinas voltadas para a inclusão. Hoje uma grande quantidade de cursos de graduação na área da educação oferece disciplinas envolvendo uma qualificação na área da inclusão, cursos de pós-graduação na área da inclusão, e também cursos de graduação bilíngue.

Várias redes de ensino passaram a oferecer cursos de formação na área de inclusão e a oferecer às crianças portadoras de necessidades especiais o professor de apoio que trabalha diretamente com o indivíduo. Essas redes de ensino também

oferecem o profissional do AEE (Atendimento Educacional Especializado), e os alunos surdos podem contar com o apoio do professor intérprete e o instrutor de surdos. Contudo, nem todas as unidades de educação possuem tais profissionais, pois as secretarias de educação impõem uma quantidade específica para contratação de profissionais para a inclusão.

Quando o aluno incluso é inserido dentro de uma unidade de ensino regular ele passa a ter acesso ao convívio com outras crianças, iniciando, assim, um processo de maior complexidade com relação à socialização, ou seja, o mesmo aprende a conviver com outras pessoas, podendo, desse modo, compreender regras, limites, amizade e interação, de forma a desenvolver um conhecimento de como é conviver em sociedade.

Na escola, o aluno aprende com as brincadeiras, músicas, teatro e também aprende os variados caminhos da sociedade, e a linguagem permite que essa interação aconteça, sendo ela verbal ou não-verbal. Os alunos considerados normais aprendem a libras e o aluno incluso aprende a se comunicar com outras pessoas em libras, o aluno aprende a comunicar através de sinais e olhares, de ações e também por gestos, a linguagem e a interação são fundamentais para que consigamos desenvolver como profissional, como pessoa e como a humanidade. A esse respeito, Sousa (2018) destaca que:

[a] oralidade e a escrita pressupõe que o professor reflita constantemente acerca de seus paradigmas, bem como das adaptações necessárias pensadas na inclusão de todos. Além disso, leva-os a trilharem um percurso na construção de uma aprendizagem epilinguística é o que lhes possibilitará a operacionalização da própria linguagem, comparando, transformando ou, ainda, experimentando novas maneiras de construção, e que não sejam capazes apenas de reproduzir discursos, mas de escrever os próprios. (SOUSA, 2016, P.10).

Ao se trabalhar a Língua Materna junto aos alunos inclusivos, é necessário que o professor faça adaptações para que todos, principalmente, os alunos portadores de Necessidades Especiais entendam. De acordo com Vygotsky (1993), o professor exerce um papel de mediação entre os aprendizes e o objeto de conhecimento, e os orienta em relação aos caminhos que eles vão trilhar, para que tais alunos sejam capazes de produzir, em colaboração com o professor, seus conceitos, ideias, reflexões, etc.

A construção do saber perpassa por caminhos mediado pelo professor, o qual utiliza de conhecimentos adquiridos anteriormente para construir novos saberes, produzindo, assim, uma aprendizagem significativa. Tal aprendizado será a base para a construção de novos saberes e assim por diante. O portador de necessidades especiais possui suas limitações, mas é capaz de construir conhecimento utilizando a linguagem para toda a base desta aquisição. Nesta linha, Santos (2010) ressalta que:

Os professores constroem a democracia no cotidiano por meio de pequenos detalhes da organização da prática pedagógica. Nesse sentido, fazem a diferença: o modo de trabalhar os conteúdos com os alunos; a forma de sugerir a realização de atividades em sala de aula; o controle disciplinar; a interação dos alunos nas tarefas escolares (SANTOS, 2010, p. 13).

Quando trabalhamos a educação linguística dentro da escola inclusiva, estamos demonstrando o quanto a língua é importante na interação do indivíduo e como o desenvolvimento da língua pode ajudar a criar novos conceitos e ideias. Também valorizamos a necessidade de adequações para que o aluno incluso possa participar, interagir, socializar, participar, mostrando que o mesmo pode aprender, mesmo com suas limitações (BEZERRA, 2012; CAVALVANTE, 2015).

Também devemos compreender que quando partimos da realidade do educando, estamos tornando o conteúdo significativo para o aluno, trazendo para o cotidiano, facilitando assim a ligação entre teoria e prática, pois, assim, o aluno terá condições de visualizar, discutir e ampliar sua capacidade de reflexão, de modo a proporcionar meios para produzir uma escrita que lhe seja presente e palpável. Nesse sentido, Figueiredo (2019) aponta que:

A teoria sociocultural enfatiza o papel da interação entre as pessoas no desenvolvimento cognitivo dos indivíduos e, desse modo, a escola se apresenta como um local privilegiado por proporcionar-lhes participação em atividades socialmente mediadas, seja com o professor, seja com os pares (FIGUEIREDO, 2019, p. 61).

De acordo com Figueiredo (2019), o indivíduo necessita se engajar em situações de interação, pois esta exerce uma influência direta no desenvolvimento cognitivo. Esse primeiro momento é vivido no seu ambiente familiar, onde o indivíduo aprende conceitos básicos do ser humano. Mas na escola, ele estará sujeito a situações de interação com outras pessoas que serão importantes para desenvolver a capacidade de vivência em sociedade, pois estará compreendendo conceitos como respeito, solidariedade, amizade, igualdade etc. Dessa forma, o professor deve

proporcionar situações que possam levar o aluno a compreender a convivência em sociedade e qual o seu papel neste círculo.

O papel do professor é o de mediador, isto é, o de planejar ações que envolvam trabalhos em grupos, no qual o aluno possa interagir com colegas delimitando regras, responsabilidades e limites. Assim, o professor poderá possibilitar a reflexão acerca do convívio com outros.

O professor não pode considerar o aluno como um ser que vem para escola como uma folha em branco, visto que ele possui uma carga de conhecimento que foi adquirido com sua família, em meios sociais, em brincadeiras, ou seja, tudo que vivenciou até o momento que foi inserido na instituição escolar. Dessa forma, o profissional da educação deve assumir um papel de mediador, fazendo uma ponte na construção do conhecimento, possibilitando assim uma aprendizagem significativa. Nessa mesma perspectiva, Figueiredo (2019) salienta que

[a] aprendizagem colaborativa enfatiza o papel de interação e colaboração e a colaboração em trabalhos realizados em pares ou em grupos de alunos no intuito de envolvê-los na coconstrução do conhecimento ... usar a língua por do diálogo ou como uma fala privada para falar com outro ou consigo mesmo, assume um novo significado para o aprendiz, visto que linguajar leva o aluno a aprender e a desenvolver. (FIGUEIREDO, 2019, p. 64-65).

Como pode ser observado, a aprendizagem significativa é construída com a interação, e o meio social possui grande influência neste sistema. O indivíduo aprende com o outro e com ele mesmo, ao trabalhar em conjunto, o aprendiz terá a possibilidade de um aprendizado colaborativo, pois poderá dialogar com o outro, fazer reflexões, fazer análises de tudo o que é discutido, debater suas ideias e conceitos, fazer uma vivência que levará para o resto de sua vida. Desse modo, o professor será um facilitador e poderá proporcionar ao educando uma reconstrução dos conhecimentos adquiridos até momento. Além disso, a socialização eleva a condição de crescimento na aquisição do conhecimento, permitindo, assim, que o aluno também compreenda que ao ser inserido no meio social, ele estará sujeito às críticas construtivas e também a situação no qual o mesmo terá exposto suas diferenças e que deve ser respeitado.

A língua é o principal instrumento nessa construção de conhecimento, levando o aluno a expor suas opiniões, seus desejos e pensamentos. É através da discussão com o outro que poderemos analisar nossas ideias, nossos ideais, nossas concepções, o que nos permite o crescimento como pessoa, como indivíduo e como

cidadão. Além de exercer um papel fundamental com o aluno incluso, pois até os alunos que não ouvem possuem sua língua própria como a Libras.

Figueiredo (2019) deixa claro que a convivência com outros e o trabalho em conjunto funcionam como pilares na construção do conhecimento, a mediação do professor será um laço que permitirá essa possibilidade. Os alunos não devem trabalhar de forma individualizada, todos possuem seus parâmetros, suas concepções. Dessa forma, esse tipo de trabalho levará o aluno a refletir sobre seu papel no grupo e assim também na sociedade, como podemos observar nas palavras do próprio autor:

Percebemos claramente os benefícios que uma abordagem colaborativa pode trazer para o contexto de aprendizagem, mas temos de observar que apenas colocar os aprendizes para trabalhar em grupos e interagir com seus pares não é garantia de que irão trabalhar colaborativamente. Em muitas sociedades e em muitas salas de aula, os alunos não estão acostumados a trabalhar colaborativamente com seus colegas, recebendo o conhecimento do professor. Dessa forma, os alunos precisam aprender a se ajudar, a se questionar, a se orientar, (...) para tanto, o professor deverá orientá-los a como proceder em atividades em que tenham de dialogar, se apoiar e coconstruir conhecimento. (FIGUEIREDO, 2019, p. 78-79)

Para Figueiredo (2019), não basta apenas colocar os alunos juntos e pedir para que trabalhem em grupo, em sua grande maioria, os alunos não conseguem realizar tais ações. Com essa visão, o professor necessita de um planejamento, deixando bem claro os objetivos que pretende alcançar, uma metodologia que permita ao aluno compreender como trabalhar em equipe, precisa ainda de uma explicação clara, de modo a colocar o aluno para opinar sobre a execução do trabalho. Mostrar que é possível realizar uma atividade com participação de várias pessoas, deve dar suporte para que as tarefas sejam realizadas, deve mediar conflitos que apareçam no decorrer da ação, deve dialogar com os componentes do grupo e levar os mesmo a encontrar o melhor caminho. Em outras palavras, o aluno deve aprender a viver com o outro, respeitando opiniões, ideias, ser sensato na tomada de decisões e também a expor suas dúvidas quando aparecer.

O papel do professor é proporcionar a formação de um indivíduo que possa conviver em sociedade conhecendo seus direitos e deveres, reconhecendo que o futuro da sociedade está em suas mãos e nas mãos de outros colegas, não deve considerar que o educando seja um ser que deve apenas receber os conhecimentos que lhe são apresentados, deve servir de ponte entre o conhecimento e a formação de novos conhecimentos.



O aluno inclusivo também deve ser tratado da mesma forma, pois vai conviver em sociedade mesmo com suas limitações. Dessa forma, o trabalho colaborativo possui um peso muito grande, a socialização é essencial para o seu crescimento e o aluno “normal” deve aprender a conviver com uma pessoa portadora de Necessidades Especiais.

Mas nem todos os alunos conseguem trabalhar em grupo, sendo assim, o professor não pode obrigar um aluno a realizar tais trabalhos, sua individualidade deve ser respeitada, no entanto, o educador deve conhecer seu aprendiz e viabilizar metodologias que atendam suas necessidades e possibilite, assim, a construção do conhecimento de forma construtiva. Seguindo essa ótica, Figueiredo (2019) alerta que:

Devemos ter em mente que existem alunos que podem preferir trabalhar com colegas. Nesse caso, devemos respeitar a individualidade dos aprendizes e permitir que eles usem as melhores estratégias e estilo de aprendizagem, de acordo com a personalidade de cada um. (FIGUEIREDO, 2019, p. 78).

Não vivemos num mundo onde todos são iguais, as diferenças devem ser respeitadas, a mediação deve acontecer de forma tranquila e satisfatória para o educando, lembrando que na sala de aula, deve ser trabalhado constantemente o respeito as diferenças, de raça, de religião, de sexo etc.

É importante ainda ressaltar, conforme advoga Figueiredo (2019, que

[o] professor deve conscientizar-se de que ele não é o responsável pela aprendizagem, mas sim alguém que favorece e a medeia, de que o aluno não é um recipiente da aprendizagem, mas participante ativo desse processo. Ao utilizar a teoria sociocultural como embasamento teórico em suas aulas, o professor estabelecerá um ambiente de apoio mútuo entre os alunos, pois, quando trabalham juntos, eles têm a chance de discutir sobre suas próprias dúvidas, de compartilhar com os outros o seu conhecimento, de aprenderem juntos e de se ajudarem. (FIGUEIREDO, 2019, p.109)

Na teoria sociocultural, o ambiente possui um grande peso, essas diferenças devem servir como suporte de conhecimento. Os alunos devem mostrar aos colegas como é viver em sua região natal, seus costumes, suas comidas, como é o ambiente, como é o comportamento em determinadas situações, as palavras que são usadas, as lendas, a história de sua comunidade, colocar em pauta suas diferenças e conhecimentos, mostrando aos colegas que sua região possui muitas riquezas, a forma que seus pais foram criadas, como é o comércio, as cidades que conhecem, como era a natureza em sua região etc.



A teoria sociocultural defende o fato de o aluno ser o agente na construção do próprio conhecimento, o compartilhamento faz com que aprendam juntos. Esse tipo de aprendizagem o aluno terá maiores possibilidades de não esquecer, pois ocorre de forma significativa. Tal proposta deve ser o embasamento teórico do professor em sala de aula. Nessa perspectiva, Figueiredo (2019) advoga que

[...] a abordagem sociocultural na aprendizagem de línguas pode proporcionar, tanto a professores quanto a alunos, oportunidades de apoio mediacional, de interações instrutivas, de diálogos colaborativos, nos quais possa haver um compartilhamento de conhecimentos e, por conseguinte, desenvolvimento cognitivo, afetivo, social e profissional aos interactantes. (FIGUEIREDO, 2019, p. 109).

Ao trabalhar com crianças portadoras de necessidades especiais, a teoria sociocultural é uma base teórica forte, pois a socialização com a criança inclusa é extremamente importante e afetará no seu desenvolvimento cognitivo, afetivo, social e profissional, influenciando assim no seu convívio em sociedade. Nesse sentido, Cavalcante (2015) chama atenção para o fato de que:

A escola deve estar preparada para atender e receber toda a clientela que busca ser inserida nesse âmbito educacional, para tanto, é preciso não apenas inserir, mas ainda incluir e ajudar a desenvolver aqueles que por ela buscam. É na escola inclusiva que os alunos aprendem a respeitar as diferenças. É a partir desse respeito que esses alunos podem adquirir autonomia frente ao conhecimento e ensinamento apresentado e construído socialmente. Por meio desse acesso ao meio escolar, a criança terá condições de adquirir conhecimentos e se desenvolver de forma global para que futuramente possa exercer sua cidadania. (CAVALCANTE, 2015, p. 14)

Um dos maiores desafios da escola e um dos seus principais desafios é conseguir trabalhar com a criança em sua totalidade na sua formação individual. A escola deve formar um cidadão capaz de compreender seu papel na sociedade e o quanto sua participação é fundamental para que todos sejam respeitados com suas diferenças, considerando suas ideias, seus paradigmas, considerando seus direitos e deveres. É importante ainda considerar o indivíduo que possui algum tipo de deficiência como alguém que também tem o direito de ter um lugar neste meio.

Esse indivíduo que possui deficiência também deve aprender a viver no meio social e cabe a escola mostrar e lhe dar oportunidades, desenvolver conhecimentos que possibilite tal inserção. A maioria dos profissionais da educação não possui uma formação que lhe dê embasamento ao trabalhar com a criança com deficiência. Nessa linha, Cavalcante (2015) ressalta que

[a] inclusão envolve uma série de fatores que precisam ser considerados no âmbito escolar para que realmente se torne uma ferramenta positiva e contribuinte no desempenho escolar da criança. [...] não basta apenas incluí-los, mas mantê-los nesse processo de ensino aprendizagem desde o ensino infantil. No entanto, sabemos que o processo pedagógico está inteiramente ligado a ação de ensinar, em formar pessoas para atuar na sociedade, tanto como cidadãos honestos quanto participantes em algum fazer social, portanto, esse desenvolvimento pessoal deve acontecer desde os primeiros anos de vida, o que envolve as séries iniciais. (CAVALCANTE, 2015, p.25)

Quando falamos em educação inclusiva precisamos compreender que não basta colocá-los na escola, é necessário dar um suporte desde a educação infantil, realizando processo de ensino aprendizagem que lhe acompanhe desde cedo. Por isso, torna-se fundamental que os profissionais da educação sejam capazes de trabalhar com crianças deficientes. Nesta linha de pensamento, o profissional deve ter uma formação, na qual a educação inclusiva faça parte de seu repertório acadêmico.

Já evoluímos muito no sentido educação inclusiva, mas precisamos ainda compreender como a criança portadora de necessidade se desenvolve, como responde a cada situação. Mesmo com as conquistas obtidas, ainda temos grandes desafios ao se trabalhar com crianças tão especiais, como Cavalcante (2015) coloca,

vemos o grande desafio que existe na escola em trabalhar de forma positiva e significativa com as crianças que apresentam Necessidades Educacionais Especiais, sendo capazes de incluir e desenvolver o aprendizado nelas a partir de suas práticas escolares, mesmo que essas aprendam de forma personalizada. Para acrescentar, sabemos que a escola é fundamental nesse processo de desenvolvimento. (CAVALCANTE, 2015, p. 27).

Trabalhar com a criança portadora de necessidades especiais, principalmente na área da linguagem é um grande desafio, pois estamos buscando uma aprendizagem significativa e positiva, mas não é um trabalho apenas da escola, deve ser realizado conjunto com a família, todas possui suas limitações e precisamos compreender que tais devem ser respeitadas, mas também devemos respeitar os conhecimentos já existentes. A criança portadora de necessidades especiais também traz uma carga de conhecimentos já existente, no entanto um dos maiores desafios encontrados por crianças portadora de necessidade especial é o acesso a escola, como Cavalcante ressalta:

É possível acreditar que a maior dificuldade encontrada pelos alunos com deficiência é o difícil acesso à escola, além disso, os professores precisam de uma formação continuada específica para saber lidar com a educação inclusiva pelo qual requer muitos cuidados e dedicação. Não podemos deixar de fora a participação da família ou responsáveis pela criança, pois esses apresentam um fator primordial para o desempenho pessoal e escolar da criança,

principalmente porque é uma pessoa importante para o mesmo, oferecendo proteção, dedicação, afeto e todo aparato fundamental na vida de qualquer ser humano. Dessa forma, na escola não é diferente, os responsáveis precisam se comprometer em querer buscar o desenvolvimento para aquele que precisa ser inserido no meio escolar e social. É preciso que haja uma participação e dedicação dos pais no que se refere ao meio escolar. (CAVALCANTE, 2015, p. 29).

Uma das maiores dificuldades encontradas pela criança deficiente é o acesso a escola, pois são poucos os locais que possam lhe proporcionar a vaga e quando possui esse acesso, ficam nas mãos de profissionais que não teve a oportunidades de ter uma formação adequada para atender tais crianças. Não basta ensinar, há também o cuidado e a dedicação, buscar conhecimentos que lhe auxilie no trabalho fornecido a tais crianças.

Este trabalho não cabe apenas ao profissional ou a escola, os familiares são essenciais neste caminho, pois fazem parte do convívio da criança, fazem parte do seu dia-a-dia, lhe proporcionando proteção, carinho, respeito, cuidados que cabe a todo e qualquer ser humano. No entanto o ambiente que a escola deve oferecer tem que ser próximo ao oferecido pela família, desde que a família lhe forneça um ambiente adequado.

O trabalho deve ser realizado em conjunto, pais e a escola devem trabalhar em conjunto para que a criança possa desenvolver em toda a sua totalidade dentro de suas limitações. Vamos ter uma melhor compreensão através do estudo de caso que faremos.

## **ESTUDO DE CASO**

Esta pesquisa consiste em um estudo de caso. Tal modalidade metodológica se mostra eficaz para as pesquisas em contextos educacionais, visto que permite compreender a dinâmicas das situações, bem como a complexidade dos atores envolvidos no processo de ensino e aprendizagem (NUNAN, 1992, SERRANO, 1998). Participaram desse estudo quatro (4) alunos que cursam escolas públicas em Aparecida, sendo dois (2) no Colégio E. B. S. G. e dois (2) na Escola M. L. M. Desse modo, investigamos dois contextos de pesquisa: 1) O Colégio Estadual Buriti Sereno; e 2) a Escola Municipal Levina Martins Vieira de Oliveira. Os nomes dos alunos não serão citados para preservar as identidades dos mesmos a pedido dos seus responsáveis. Como instrumentos para geração de dados, foram utilizados os

seguintes: a) observação de aulas; e b) entrevistas com os professores. Fizemos a observação dos quatro participantes durante as aulas de diversas disciplinas por um período de trinta (30) dias.

As quatro crianças são acompanhadas por professores de apoio direto, ou seja, esses professores acompanham e procuram auxiliar o desenvolvimento dessas crianças no dia-a-dia escolar.

## **ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS**

Nesta seção, apresentamos as análises dos dados gerados a partir das entrevistas com duas professoras de apoio e da observação do desempenho de quatro alunos com necessidades especiais durante aulas de Língua Portuguesa em dois contextos de educação inclusiva da rede pública de ensino médio e fundamental, conforme mencionado na seção de metodologia. Dividimos esta seção em duas subseções, contexto 1 e contexto 2, para facilitar a apresentação das análises.

### *Contexto 1*

Os alunos que são atendidos na rede estadual de ensino cursam o segundo ano do ensino médio. O aluno V possui como deficiência física o retardo mental leve, apresentando o segundo laudo médico. Conta com ajuda familiar e apresenta grande interesse em aprender. Suas limitações não o impedem de buscar o conhecimento, já que é bastante comprometido com sua aprendizagem. A professora de apoio lhe garante grande suporte pedagógico, fazendo uma mediação entre o conhecimento sistemático e as limitações apresentadas pelo aluno. A linguagem neste processo de interação é de fundamental importância, pois lhe propicia segurança e direcionamento. (CAVALCANTE, 2015; FIGUEIREDO, 2019; VYGOTSKY, 1993).

O aluno consegue realizar as propostas feitas pelos professores com a ajuda da professora de apoio, tem consciência de todas as suas ações e o seu desenvolvimento pode ser evidenciado no decorrer do trabalho realizado. Podemos ver claramente que esse aluno consegue interagir bem com os colegas, compreende bem as regras e limites, o que promove a sua capacidade de conviver em sociedade (BEZERRA; 2012; FIGUEIREDO, 2019).

Foram realizadas algumas perguntas a professora de apoio no que se refere a sua relação com o aprendiz. Faremos referências a essa professora a sigla MD. As

perguntas realizadas foram as seguintes: a) A sua formação é adequada para trabalhar com crianças inclusivas?; b) Qual o maior desafio que enfrentou ao trabalhar com a criança inclusiva que está atendendo no momento?; c) Qual o comportamento do aluno na sala de aula e como a família está presente no processo de ensino aprendizagem. Sintetizamos as respostas dessa professora no excerto seguinte:

Sou formada em Pedagogia, com pós-graduação em educação inclusiva, meu maior desafio ao trabalhar com o V. foi o fato de haver uma grande falta. Ele falta muito, pois tem crises de convulsão de forma constante. A avó busca ajudar, mas pelo fato de cuidar dele sozinha fica muito difícil. A mãe mora fora do país e não dá o suporte necessário. (Entrevista - professora de apoio MD)

De acordo com os relatos da professora de apoio MD, o aluno é bem esforçado e possui o apoio da avó. O aprendiz possui problemas de saúde que compromete de certa forma um melhor desempenho acadêmico. É um jovem que sonha em ir morar com a mãe fora do país, pretende partir, assim, que terminar o ensino médio. O conteúdo a ser aplicado em sala de aula, normalmente, é repassado anteriormente a professora MD., e é feito um trabalho de adaptação de acordo com as limitações do aluno. O comprometimento cognitivo do aluno é leve, mas necessita de ajuda individual para que consiga assimilar o que é ministrado durante a aula. A medicação que toma para os problemas de saúde influencia na frequência cotidiana, e ele possui muitas faltas. Ao dialogar com a professora de apoio MD, foi questionado sobre os desafios e dificuldades enfrentadas, sobre o relacionamento com o aluno e a família, como é seu desempenho dentro da sala de aula e como a família acompanha todo o desenvolvimento acadêmico da criança. Tais aspectos podem ser observado no excerto seguinte:

Ao trabalhar com o aluno E. sinto uma maior dificuldade, pois seu comprometimento cognitivo é bem maior que V. não gosta de estudar e necessita de estar sempre sendo chamado a atenção, precisa estar em constante atenção. Não tem uma boa socialização com os colegas, mas não é agressivo. Em relação ao conteúdo é necessário buscar novas idéias para motivar. A família não possui muito conhecimento e também não apresenta interesse em aprender. (Entrevista - Professora de apoio MD)

O aluno E., por sua vez, já possui um maior comprometimento cognitivo, apresentando deficiência mental em maior grau. Apresenta uma mentalidade mais infantil e necessita de acompanhamento com uma maior quantidade de intervenção. Além disso, o aluno apresenta certa dificuldade de interação com a turma. É possível perceber que a presença da família é mais esporádica e demonstra pouco interesse

no desenvolvimento do indivíduo. Durante o acompanhamento e observação das aulas, foi possível notar que a socialização entre V. e E. é produtiva e ajuda na compreensão do conteúdo.

A sua convivência entre colegas lhe possibilita compreender que as regras existem e que devem ser cumpridas. Porém, ele tem certa dificuldade em segui-las. Dessa forma, é necessário que a professora de apoio esteja sempre lhe advertindo sobre o convívio com os colegas. Tal conhecimento não teria sido construído sem a interação com outros colegas, desta forma consideramos que esse trabalho de interação social é fundamental no crescimento e desenvolvimento da criança com necessidade especial (BEZERRA, 2012; CAVALCANTE, 2015; FIGUEIREDO, 2019).

### *Contexto 2*

Os alunos acompanhados na Escola M. L. M. Foram R. e L., que são atendidos pela professora de apoio MM, ambos cursam o terceiro ano do Ensino Fundamental. Foi questionado a professora sobre sua formação e como acompanha seus alunos inclusivos, seu desenvolvimento acadêmico e a interação da família no ambiente escolar e o seu acompanhante no cotidiano familiar. As respostas da professora de apoio MM forma sintetizadas no excerto seguinte:

Meu nome é MM, sou formada em Pedagogia, acompanho o L. que é muito inteligente, foi diagnosticado com autismo leve, não toma medicação, está desenvolvendo muito bem na leitura e escrita, as vezes consegue até superar colegas da turma, tem um grande acompanhamento da família que é comprometida, participativa e preocupada com o futuro do filho. (Professora de apoio, MM).

A rede municipal de educação de Aparecida de Goiânia possui uma grande equipe que acompanha o trabalho dos professores de apoio com visitas as unidades de ensino a cada quinze dias. O aluno também é visitado pela equipe, na unidade de ensino também tem o apoio do profissional que trabalho no AEE. O suporte oferecido pela rede ao profissional que atende aos alunos inclusivos consegue suprir a grande maioria das dificuldades encontradas.

O aluno L. é uma criança extremamente carinhosa, sempre recebendo com um abraço, é gentil e bem tranquilo. A mãe consegue compreender bem a deficiência que o filho possui e busca dar todo suporte físico, emocional e econômico que é necessário. Está sempre conversando com a professora buscando saber o que

aconteceu e como pode melhorar. Foi questionado junto a professora como o aluno R. é atendido, suas dificuldades, o acompanhamento familiar, seu desenvolvimento no ambiente escolar e familiar. Sintetizamos as informações concedidas pela professora de apoio MM no seguinte excerto:

O atendimento ao aluno R. é um pouco mais difícil, foi diagnosticado com retardo mental médio em abril deste ano, a mãe não possui muito conhecimento sobre a situação do filho, mas é muito preocupada e amorosa. Usa medicamento para tranquilizar e concentrar nas aulas. Seu desenvolvimento é mais lento que o colega que atendo, mas está se desenvolvendo dentro de suas limitações. (Professora de Apoio, MM).

O aluno R. é uma criança tranquila, no entanto, possui maiores dificuldades com relação ao desenvolvimento cognitivo. A professora atende L. e R. lado a lado, realiza adaptações do conteúdo. Porém o aluno R. ainda não consegue ler e escrever. A interação entre os alunos com necessidades especiais e seus colegas pode ser considerada satisfatória, visto que os colegas tratam os dois com muito carinho e não faz diferenciação a nada, chama para brincar e aceita suas ideias. A mãe mostra interesse no desenvolvimento do filho e, somente neste ano, conseguiu um diagnóstico para o filho. Tinha restrições em aceitar a deficiência, mesmo com profissionais pedindo para que levasse a criança ao médico.

Foi citado pelos professores das duas unidades de ensino, no qual foi realizado o estudo de caso, que um dos grandes problemas que enfrentam com relação a crianças com deficiência é a dificuldade de a família aceitar que possui uma criança com tais problemas. Não conseguem aceitar e isso leva a um acompanhamento tardio e, assim, um acompanhamento pedagógico adequado. Por isso, torna-se necessário compreender como a escola recebe a criança incluída, a lei que a ampara, os desafios encontrados pelos profissionais e como a família se posiciona neste caminho para a inserção social, para buscarmos práticas pedagógicas que possam melhor atender as necessidades das crianças que necessitam de uma educação inclusiva (BEZERRA, 2012; CAVALVANTE; 2015).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A linguagem e a interação social exercem influências significativas na formação de todo ser humano. Desse modo, a criança portadora de necessidade especial também necessita se engajar em situações de interação por meio da linguagem para



se desenvolver (BEZERRA, 2012; CAVALCANTE, 2015; FIGUEIREDO, 2019). VYGOTSKY (1993) afirma que a socialização possui papel fundamental neste desenvolvimento, através da linguagem, as crianças conseguem se comunicar e, assim, interagir com o outro. O professor, por sua vez, precisa demonstrar a segurança, sentimento ao aluno facilitando assim o entendimento.

Na teoria sociocultural, a linguagem é parte fundamental do desenvolvimento cognitivo e socioemocional. Durante o acompanhamento dos participantes L., R., E. e V., podemos ver claramente como o desenvolvimento cognitivo depende da interação por meio da linguagem, visto que o aluno R. possuía dificuldade em sua dicção, dificultando, assim, a sua comunicação e, em consequência, o seu entendimento ocorria de forma mais lenta em referência aos outros alunos acompanhados. Os responsáveis buscavam incentivar o desenvolvimento da fala para melhorar o seu desenvolvimento acadêmico.

Acompanhamos durante trinta dias quatro alunos em duas escolas públicas de nível médio e fundamental, para entender como ocorriam as interações sociais através da linguagem e compreender seu cotidiano escolar de estudantes com necessidades especiais. Foi possível observar que as crianças portadoras de necessidades especiais eram atendidas por professores de apoio diretos. Os professores participaram com informações em entrevistas. Observamos ainda que os aprendizes que se engajavam mais nas situações de interação, tinham mais oportunidades de construir conhecimentos em colaboração com os professores de apoio e os colegas.

Desta forma, concluímos que a inclusão é uma realidade da maioria de nossas escolas que enfrentam grandes desafios por não possuírem recursos suficientes. É importante, então, que instituições de ensino superior oportunizem formação para preparar melhor o professor regente, o professor de apoio e todo o corpo docente, para que possam colaborar uns com os outros e atender melhor as necessidades de alunos que precisam da educação inclusiva (CAVALCANTE, 2015).

**ABSTRACT:** This paper aims at investigating two contexts of inclusive education to observe how interactions occur between learners with special needs and their supportive teachers. We also discussed the importance of language and inclusive education in the teaching and learning process of children with special needs. We use as theoretical reference the studies based on the sociocultural theory of Vygotsky

(1993). We also dialog with authors who rely on Vygotskian studies (CAVALCANTE, 2015; FIGUEIREDO, 2019; SANTOS, 2010; SOUSA, 2017). This investigation is characterized as a case study with participant observation. We investigated two research contexts, one high school classroom and one elementary school in two public schools in Goiás state. Four students with special needs and two supportive teachers participated in this research. The data presented are based on interviews with direct supportive teachers and classroom observations.

**KEYWORDS:** Inclusive Education. Language Learning. Sociocultural theory.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEZERRA, L. C. S. De que lugar a educação inclusiva olha a linguagem, a criança, o corpo e o sujeito em constituição. In: IX Congresso Brasileiro de Linguística Aplicada, 2012, Rio de Janeiro - RJ. **Anais...**Rio de Janeiro - RJ: Editora da UFRJ - ALAB, 2012. v. 1. p. 1-21.

CAVALCANTE, Valdicelia. **Alfabetização e letramento na educação inclusiva: desafios e possibilidade.** 2015. 61 f. Monografia (Especialização em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em [HTTP://bdm.unb.br/handle/10483/15534](http://bdm.unb.br/handle/10483/15534). Acesso em 20 de Nov. de 2019.

FIGUEIREDO, F. J. Q, de. **Vygotsky**: a interação no ensino/aprendizagem de línguas. 1. Ed. – São Paulo: Parábola, 2019.

SANTOS, M. T. da C. T. O Projeto Político Pedagógico, autonomia e gestão democrática. In: *ROPOLI, E. A. et al. A Educação Especial na perspectiva da inclusão escolar: a escola comum inclusiva.* Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial; [Fortaleza]: Universidade Federal do Ceará, 2010.

SOUSA, I. V. Tecnologia acessível: reflexões sobre a utilização de recursos tecnológicos sonoros como acessibilidade aos textos literários para o aprendiz com deficiência visual. **Revista Linguagens & Cidadania**, v. 2, n. 1, 2017. Disponível em: Acesso em: 14out. 2019.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem.** São Paulo: M. Fontes, 1993.